

## 1 *Fun vonen is a yid?*

“Clarice foi chamada de alienada, cerebral, ‘intimista’ e tediosa por críticos comunistas linha-dura. Só reagia quando ofendida pela estúpida acusação de que era estrangeira.”<sup>1</sup> “Sempre se indignou diante do fato de que havia quem relativizasse sua condição de brasileira”, escreveu sua amiga mais próxima. “Nascera na Rússia, é certo, mas aqui chegara aos dois meses de idade. Queria-se brasileira sob todos os aspectos.”<sup>2</sup> “Eu, enfim, sou brasileira”, ela declarou, “pronto e pronto.”<sup>3</sup>

Nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. Cheguei ao Brasil com *apenas dois meses de idade*.<sup>4</sup>

Embora tenha chegado ao país na primeira infância, Clarice Lispector sempre pareceu estrangeira a muitos brasileiros, não por causa de seu nascimento na Europa ou dos muitos anos que passou no exterior, mas por seu modo de falar. Ela ceceava, e seus *r* ásperos, guturais, davam-lhe um sotaque estranho. “Não sou francesa”, explicou certa vez, pois soava assim.

“Esse meu *err* é defeito de dicção: simplesmente tenho língua presa. Uma vez esclarecida minha brasilidade [...]”<sup>5</sup>

Ela dizia que seu amigo Pedro Bloch, pioneiro da fonoaudiologia no Brasil, se oferecera para realizar uma operação que corrigiria o problema. Mas o dr. Bloch disse que a pronúncia dela era bastante natural para uma criança que tinha imitado a fala de seus pais estrangeiros: os *r* guturais, embora não o ceceio, eram comuns entre os filhos de imigrantes judeus no Brasil.<sup>6</sup> Foi mediante treinamento, e não cirurgia, que o dr. Bloch conseguiu corrigir o problema. Mas apenas por um tempo.

Apesar de seus constantes desmentidos, ela teimava em não se livrar desse sinal imediatamente perceptível de sua condição estrangeira. Ela se debateria ao longo de toda a vida entre a necessidade de pertencer e a tenaz insistência em manter-se à parte.

Alguns meses depois de seu bem-sucedido tratamento, o dr. Bloch topou com Clarice. Notou que ela começara a usar seus velhos *r* de novo. Sua explicação era simples: “Devia-se a seu receio de perder suas características”.<sup>7</sup>

• • •

Não havia característica que Clarice Lispector mais quisesse perder do que o local de nascimento. Por essa razão, a despeito da língua que a prendia lá, a despeito da honestidade por vezes terrível de sua escrita, sua reputação é de ter sido um tanto mentirosa. Mentiras inocentes, como os poucos anos que tendia a subtrair de sua idade, são vistas como coquetarias de uma bela mulher. No entanto, quase todas as mentiras que contou tinham a ver com as circunstâncias de seu nascimento.

Em seus escritos publicados, Clarice estava mais preocupada com o sentido metafísico do seu nascimento do que com as reais circunstâncias topográficas dele. Ainda assim, essas circunstâncias a perseguiram. Em entrevistas, ela insistia que não sabia nada sobre o lugar de onde vinha. Nos anos 60, deu uma entrevista ao escritor Renard Perez, a mais longa que

jamais concedeu; o amável e cortês Perez certamente a deixou à vontade. Antes de publicar a matéria, ele a submeteu à aprovação de Clarice. A única objeção que ela fez foi à primeira frase: “Quando, logo após a Revolução, os Lispector decidiram emigrar da Rússia para a América...”. “Não foi logo após! Foi muitos, muitos anos depois!”, protestou. Perez acatou, e a matéria publicada começava assim: “Quando os Lispector resolveram emigrar da Rússia para a América (isso muitos anos depois da Revolução)...”<sup>8</sup>

E ela mentia sobre a idade que tinha quando veio para o Brasil. Numa passagem já citada aqui, ela usa o itálico para enfatizar que tinha *apenas dois meses de idade* quando sua família desembarcou. Tinha mais de um ano, porém, como ela bem sabia. É uma pequena diferença – era muito nova, de todo modo, para se lembrar de qualquer outra pátria –, mas é estranha a sua insistência em rebaixar a idade até o mínimo verossímil. Por que se dar ao trabalho?

Não havia nada que Clarice Lispector desejasse mais do que reescrever a história do seu nascimento. Em anotações pessoais redigidas quando estava na casa dos trinta e morando fora do país, ela escreveu: “Eu estou voltando para o lugar de onde vim. O ideal seria ir até a cidadezinha na Rússia e nascer sob outras circunstâncias”. O pensamento lhe ocorreu quando estava quase caindo no sono. Sonhara que tinha sido banida da Rússia num julgamento público. Um homem diz que “só mulheres femininas eram permitidas na Rússia – e eu não era feminina”. Dois gestos a traíram inadvertidamente, explica o juiz: “1º: eu acendera meu próprio cigarro, mas uma mulher fica esperando com o cigarro até que o homem acenda. 2º: eu mesma tinha aproximado a cadeira da mesa, quando deveria esperar que ele fizesse isso para mim”.<sup>9</sup>

Então foi proibida de retornar. Em seu segundo romance, talvez pensando no caráter definitivo de sua partida, ela escreveu: “O lugar onde ela nascera – surpreendia-se vagamente de que ele ainda existisse como se também ele pertencesse ao que se perde”.<sup>10</sup>

• • •

Num romance baseado na emigração de sua família, Elisa Lispector, a irmã mais velha de Clarice, faz repetidamente a pergunta: *Fun vonen is a yid?* Literalmente, significa “De onde vem um judeu?”, e é o modo educado com que um falante de iídiche procura saber sobre a origem de outro. Ao longo de toda a sua vida, Clarice se esforçou para responder. “A questão da origem”, escreveu um crítico, “é tão obsessiva que em torno dela pode dizer-se que se enreda toda a prosa da autora.”<sup>11</sup>

Nas fotografias, ela parece tudo, menos estrangeira. À vontade em casa na praia de Copacabana, ostentava a dramática maquiagem e as vistosas joias da *grande dame* do Rio de sua época. Não há nenhum traço da miséria do gueto na mulher que desce as encostas da Suíça ou singra as águas do Grande Canal numa gôndola. Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. Ninguém imaginaria que as origens de Clarice fossem ainda mais miseráveis que as de Carolina.

No entanto, na vida real Clarice volta e meia dava a impressão de ser estrangeira. Os depoimentos frequentemente mencionam sua estranheza. Havia aquela fala estranha, aquele estranho sobrenome, tão incomum no Brasil que, quando saiu seu primeiro livro, um crítico fez referência àquele “nome estranho e até desagradável, pseudônimo sem dúvida”.<sup>12</sup> Especulou-se até sobre o seu modo de se vestir; depois de se separar do marido, teria pouco dinheiro para renovar o guarda-roupa, e então vestiria roupas velhas, compradas no exterior, que durante anos lhe teriam dado um ar “estrangeiro, de fora da estação”.<sup>13</sup>

Sua singularidade perturbava as pessoas. “Acusam-na de alienada”, escreveu um crítico em 1969, “que trata motivos e temas estranhos à sua pátria, numa língua que lembra muito os escritores ingleses. Lustre não existe no Brasil, nem aquela cidade sitiada, que ninguém sabe onde fica.”<sup>14</sup>

(*O lustre* é o título de seu segundo romance; *A cidade sitiada*, do terceiro.)

• • •

“Minha cara deve estar com ar teimoso, com olho de estrangeira que não fala a língua do país”, ela escreveu.<sup>15</sup> No entanto, o apego ao país que salvara sua família, onde passou sua vida, e cuja língua era o instrumento da sua arte, era natural e genuíno.

Mais digna de nota é a frequência com que *outros* insistem na ligação dela com o Brasil. Nunca se vê, por exemplo, alguém que escreve sobre Machado de Assis asseverar que ele era verdadeiramente brasileiro. Ao escrever sobre Clarice Lispector, essa asserção é quase inevitável. Os editores da série de livros populares Nossos Clássicos escolheram, como um dos dois únicos excertos do livro de mais de quinhentas páginas de artigos de jornal de Clarice, uns poucos parágrafos curtos que ela escreveu em resposta a uma pergunta sobre sua nacionalidade. “Eu pertenço ao Brasil” foi a sua resposta.<sup>16</sup>

Nada menos que um terço da orelha de uma biografia é dedicada a insistir que ela era brasileira: “Essa marca de sua origem, no entanto, é o contrário do que ela se esforçou por viver e que esta biografia destaca a partir de uma vasta correspondência e dezenas de entrevistas: o Brasil era mais do que o seu país de adoção, era sua casa verdadeira”.<sup>17</sup> No popular site de relacionamentos Orkut, a comunidade de Clarice Lispector, com mais de 210 mil membros, anunciava que é “uma comunidade dedicada à maior e mais intensa escritora BRASILEIRA de todos os tempos. Eu disse: BRASILEIRA”.

Desde o início, entretanto, os leitores compreenderam que ela era uma *outsider*. “Clarice Lispector”, escreve Carlos Mendes de Sousa, “é a primeira mais radical afirmação de um *não lugar* na literatura brasileira.”<sup>18</sup>

É, ao mesmo tempo, a maior escritora moderna do Brasil e, num sentido profundo, nem é uma escritora brasileira. O poeta Lêdo Ivo captou o paradoxo:

Não haverá, decerto, uma explicação tangível e aceitável para o mistério da linguagem e do estilo de Clarice Lispector. A estrangeiridade de sua prosa é uma das evidências mais contundentes de nossa história literária e, ainda, da história de nossa língua. Essa prosa fronteiriça, emigratória e imigratória, não nos remete a nenhum dos nossos antecessores preclaros [...] Dir-se-ia que ela, brasileira naturalizada, naturalizou uma língua.<sup>19</sup>

“A minha terra não me marcou em nada, a não ser pela herança sanguínea. Eu nunca pisei na Rússia”, disse Clarice Lispector.<sup>20</sup> Em público, ela se referiu a suas origens familiares não mais do que um punhado de vezes. Quando o fez, foi de maneira falsa ou vaga – “Eu perguntei a meu pai desde quando havia Lispector na Ucrânia. Ele disse que há gerações e gerações anteriores” –.<sup>21</sup> Suas referências publicadas à sua filiação étnica são tão esparsas que muitos imaginaram que ela se envergonhava dela.<sup>22</sup>

*Fun vonen is a yid?* Não admira que desejasse reescrever a história de sua origem, no inverno de 1920, na *gubernia* [província] de Podólia, que até pouco tempo antes tinha sido parte do Império Russo e que hoje fica na parte sudoeste da República da Ucrânia. “Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer”, ela escreveu. “*Por motivos que aqui não importam*, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém.”<sup>23</sup>

• • •

O grifo é meu: ela nunca explicou tais razões. Mas o mínimo que se pode dizer sobre o tempo e o lugar de seu nascimento é que foram mal escolhidos. Mesmo na panóplia de assassinato, epidemia e morte que perpassa a história da

Ucrânia, do saque mongol de Kiev, em 1240, à explosão nuclear em Chernobyl, em 1986, o ano de 1920 se destaca como particularmente horripilante.

O pior ainda estava por vir: doze anos depois, Stálin começou a impor a fome sistemática aos camponeses do país, matando mais pessoas do que os mortos durante a Primeira Guerra Mundial, somadas as vítimas dos dois lados do conflito.<sup>24</sup> Nove anos depois disso, a invasão de Hitler matou 5,3 milhões de pessoas, um em cada seis habitantes.<sup>25</sup> “A Ucrânia ainda não está morta”, admira-se o hino nacional.

Nesse panorama sombrio, nem toda catástrofe pode ser devidamente lembrada. Mas, apesar de largamente esquecido hoje em dia, o que aconteceu com os judeus da Ucrânia na época do nascimento de Clarice Lispector foi um desastre numa escala nunca antes imaginada. Talvez 250 mil tenham sido mortos: com exceção do Holocausto, foi o pior episódio de antissemitismo da história.

Em 1919, um escritor declarou que, durante a Primeira Guerra Mundial, “a ameaça aos judeus da Europa Oriental não era de sofrimento temporário ou da dizimação inevitável em tempo de guerra, mas de extermínio total, pelo planejado e rápido suplício de toda uma raça”.<sup>26</sup> Quando essa frase foi publicada, o escritor acreditava que o horror pertencia ao passado. O verdadeiro drama estava para começar.